

# Renovação Carismática Católica: Cartografia do processo de produção de verdade

Catholic Charismatic Renewal: Cartography of the process of the production of truth

*Mary Rute Gomes Esperandio*

Psicóloga (CRP 08/13082)  
Doutora em Teologia (EST)  
Professora do Programa de Pós-Graduação (PUCPR)

*Aracy Terezinha Martignoni*

Graduada em Teologia (Famipar)  
Mestre em Teologia (PUCPR)  
Professora de Teologia Pastoral e Missiologia (Famipar)

## Resumo

Entendendo a Renovação Carismática Católica como uma nova configuração religiosa que encontrou condições de emergência na contemporaneidade, analisa-se, através do método cartográfico, as suas práticas concretas, a fim de evidenciar aí seu processo de construção de verdade. Não visando a apreciação da fé, mas a experiência dos sujeitos historicamente localizados, pretende-se lançar um novo olhar para tais experiências, no sentido de colocar em evidência as possibilidades reais de atualização da mensagem cristã no contexto da renovação carismática católica. Para isto, considera-se a necessária implicação da produção de verdade, das relações de saber/poder e do próprio processo no qual a subjetividade vai se configurando a partir dessa experiência de fé.

## Palavras-chave

Cartografia. Subjetividade. Verdade. Renovação Carismática Católica.

## Abstract

Understanding the Catholic Charismatic Renewal as a new religious setting that has found conditions of emergence in the contemporary days, analysis is made through the cartographic method on their actual practices to show how the process of truth is built. Not aiming the appreciation of faith, but the experience of the historically located individuals, the aim is to take a new look for such experiences in order to put in evidence the real possibilities for updating the Christian message in the context of the Catholic Charismatic Renewal. Thus, these following aspects are considered: the implication of the production of truth, the relations of power/knowledge and the very process of production of subjectivity that arises from that experience of faith.

## Keywords

Cartography. Truth. Subjectivity. Catholic Charismatic Renewal.

## Introdução

O objetivo deste estudo é analisar o processo de construção de verdade na Renovação Carismática Católica de uma cidade do interior do Paraná. Os resultados que serão aqui apresentados e discutidos referem-se a uma pesquisa realizada junto a esse grupo no ano de 2009-2010.

A Renovação Carismática Católica (RCC) apresenta-se como um movimento da Igreja, mas tem características próprias e pode ser compreendida como uma nova configuração religiosa que encontrou condições de emergência na contemporaneidade. Isto motivou o interesse por compreendê-la, sobretudo no que diz respeito ao seu modo de construção da verdade.

É importante ressaltar que o grupo estudado é visto como sendo uma das expressões dos vários modos de viver a religiosidade no contexto atual. A utilização da Cartografia como método de pesquisa aqui utilizado tem como foco o movimento e os múltiplos processos envolvidos no aparecimento de territórios. Nesta perspectiva, a análise não visa à apreciação da fé, mas a experiência dos sujeitos historicamente localizados.

Ao pesquisar um grupo religioso quer-se perceber a possibilidade de transformação na maneira de viver e de pensar e a viabilidade dos fiéis se constituírem em sujeitos de ação. Questiona-se se os indivíduos envolvidos no processo representam uma presença ativa na história e na transformação dos modos de existência, com possibilidade de exercer uma crítica diante de práticas que não priorizem a vida e se a teologia que os circunscreve leva a uma renovação e libertação, conferindo sentido à vida situada na contemporaneidade.

Este estudo aproveita conclusões da pesquisa realizada para fins de titulação em pós-graduação. Neste sentido, pesquisadora e orientadora trabalharam em conjunto na construção do que está sendo aqui apresentado. Ressalta-se que à época da realização da pesquisa que resultou na elaboração do presente artigo, a mesma foi aprovada pelo comitê de ética da Universidade e respeitou os trâmites legais para pesquisas entre humanos.

## Ferramenta metodológica

A cartografia é um método desenvolvido por Deleuze e Guattari em continuidade com o pensamento de Michel Foucault e do seu método genealógico. Por sua vez, Foucault usa a genealogia a partir das intuições de Nietzsche, mas elabora a genealogia do sujeito moderno “mediante o estudo de sua constituição nas práticas históricas”.<sup>1</sup> Portanto, no

---

<sup>1</sup> CANDIOTTO, Cesar. *Foucault e a crítica da verdade*. Curitiba: Champagnat, 2010. p. 17.

método cartográfico, usar-se-á a genealogia como tática de análise do “pensamento em ação”.<sup>2</sup>

Para Michel Foucault, a forma de pensar está ligada a um conjunto de fatores: a sociedade, a política, a economia, a história e também com categorias muito gerais, com olhares universais e estruturas formais. A maneira como as pessoas agem e reagem está ligada à sua maneira de pensar, e esta maneira de pensar está ligada a uma tradição, a fórmulas cristalizadas na história. Estas fórmulas cristalizadas pela história são muitas vezes assumidas como verdadeiras.

A crítica de Foucault refere-se a conceitos fabricados em um momento particular da História, e que assumem a categoria de verdades universais.<sup>3</sup> Aquilo que se assume por verdade sobre as coisas ou conceitos é a ideia que se constrói em determinada época, nas relações de saber e de poder e nos processos de subjetivação que se estabelecem.

Desta forma, a cartografia e a genealogia ajudam a perceber que aquilo que muitas vezes é entendido por natural é, na verdade, algo que foi naturalizado, transitório, pois o ser humano está em um permanente dinamismo de transformação, fazendo-se e refazendo-se na história. Ao reconhecer que as próprias transformações humanas invalidam um corpo teórico unitário e adequado para todos e em qualquer tempo, se estará respeitando a processualidade e a afirmação da vida em sua singularidade.

Cartografar significa mapear os acontecimentos enquanto estão em processo, a partir do próprio fato, no dinamismo humano de transformação de conceitos e de realidades, considerando as forças que entram em jogo no processo de configuração do social. Cartografar é ver como determinado pensamento atua sobre o indivíduo, o que ele acolhe e o que rejeita; como submerge ou se potencializa e como resulta por verdade para determinado grupo. Por isto se faz necessário analisar as práticas históricas ou sociais, percebendo o que cada época acolhe por verdadeiro ou por falso.

Porém, é preciso ter claro que “uma ‘época’ não preexiste aos enunciados que a exprimem, nem às visibilidades que a preenchem”.<sup>4</sup> Da mesma forma, um determinado grupo só verbaliza aquilo que a “época” e o contexto lhe permitem. Cabe assim perguntar o que o sujeito pode ver e enunciar em tais condições de luz e de linguagem. O que ele pode fazer, falar, ver e combater. Quais as resistências que ele pode oferecer e como ele pode viver.

Instâncias tais como: produção de verdade, saber, poder, e processos de subjetivação – não podem ser tomadas isoladamente, já que estão imbricadas na constituição do sujeito e dos conseqüentes modos de existência. Neste sentido, estas instâncias serão analisadas na perspectiva de compreensão de uma configuração religiosa

---

<sup>2</sup> SILVA, Rosane Neves da. *A invenção da Psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 99.

<sup>3</sup> FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 295.

<sup>4</sup> DELEUZE, Gilles. *Foucault*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 58.

historicamente presente na atualidade, a Renovação Carismática Católica, não numa relação de causa e efeito, mas na relação de forças com a qual este evento entrou em jogo a fim de se estabelecer.

Para isto, fez-se uso de um amplo material bibliográfico, conforme apresentado nas referências, mas com um forte embasamento nas teorias de Michel Foucault, Gilles Deleuze, Felix Guattari, Sueli Rolnik. Tem-se como novidade neste estudo a utilização desse método no contexto da teologia. Contou-se, também, com o aporte da literatura do próprio movimento, como livros, jornais, atas, panfletos e os portais oficiais da RCC na *world wide web* (www). Também foram realizadas entrevistas e visitas a Encontros em Grupos de Oração da RCC.

As entrevistas formais foram realizadas com doze pessoas atuantes no grupo, e também com três pessoas que se afastaram do movimento. Além destas, foram realizadas entrevistas com cinco membros do clero que acompanham o movimento; e ainda com outras cinco pessoas que, na qualidade de fontes primárias, narraram o início e a história da RCC na cidade. Ressalta-se também que foi levado em conta as inúmeras conversas informais e observações de campo que se fizeram necessárias.

As visitas a Grupos de Oração foram feitas em diferentes bairros e realidades sociais. Participou-se também de dois retiros grandes, com público vindo de toda a região, onde se pode destacar uma relação igualitária nos momentos de fortes sensações. Da mesma forma, pode-se colher dados sobre a RCC em espaços católicos tradicionais. O conjunto dessas discursividades possibilitou cartografar os processos de subjetivação e evidenciar o processo de produção de verdade nesse grupo.

### Uma cartografia do movimento

O marco inicial da Renovação Carismática Católica, segundo literatura do próprio movimento,<sup>5</sup> foi um retiro espiritual realizado nos dias 17 a 19 de fevereiro de 1967, na Universidade de Duquesne em Pittsburgh, na Pensilvânia.<sup>6</sup> Tem-se aí o palco de onde emerge esta nova configuração religiosa: século XX, Estados Unidos da América. Entretanto, esta é apenas uma imagem unidimensional de um longo processo que possibilitou que, nesse momento e nesse lugar, se configurasse uma nova prática religiosa

---

<sup>5</sup> Movimento Eclesial representa um processo em que um conjunto de pessoas com uma visão semelhante do Evangelho ou crendo-se chamadas para atualizar algumas de suas partes, une-se para compartilhar suas experiências e/ou espiritualidade. Cf. FLORISTÁN, C. et. al. *Dicionário de Pastoral*. Aparecida: Santuário, 1990. p. 362. É diferente de Pastoral, pois esta existe em função da própria missão evangelizadora da Igreja em que, se criaram subdivisões para melhor operacionalizar o serviço do Pastor. A Pastoral é de cunho permanente e direciona-se a grupos específicos (Pastoral da Saúde, Pastoral Familiar, etc.). Assim, a RCC é compreendida como um Movimento Eclesial.

<sup>6</sup> MANSFIELD, Patti Gallagher. *Como um novo Pentecostes: relato histórico e testemunhal do dramático início da Renovação Carismática Católica*. Rio de Janeiro: Louva-a-Deus, 1993. p. 5.

no seio do catolicismo tradicional. Por isso, importa perceber o contexto maior de onde emerge esta realidade.

Levando em conta que determinado evento se concretiza a partir de práticas outras que lhe permitem a existência no momento em que efetivamente este ocorre, faz-se necessário ver no grupo estudado quais forças se puseram em jogo e foram lhe preparando a emergência. Desta forma, há que se observar as continuidades/descontinuidades da caminhada do próprio cristianismo. Por isso, entre inúmeros outros dispositivos, têm relevância: o desenvolvimento do poder pastoral, como forma de governo desenvolvida pela Igreja;<sup>7</sup> o modo de subjetivação do capitalismo, que de alguma forma se impõe sobre toda a cultura ocidental;<sup>8</sup> a Reforma Protestante e a ruptura causada no modo de viver e perceber o mundo;<sup>9</sup> o surgimento do pentecostalismo, no início do século XX, com um modo de experimentar a religiosidade com as emoções;<sup>10</sup> a característica cultural da religiosidade brasileira; e o Concílio Vaticano II, que altera o modo católico de se entender e se relacionar no mundo. Tudo isto deve ser avaliado na perspectiva de relações de forças de poder, saber e subjetivação, que possibilitam novos modos de existência.

### O processo de produção de verdade e a consolidação do movimento

Reconhecendo a RCC como uma construção historicamente localizável, para mapeá-la, se faz necessário analisar os dispositivos de produção de verdade nos seus fiéis. Para isto, analisa-se o poder de afetar e ser afetado pelos diversos discursos que permeiam esta configuração religiosa, possibilitando sua formação e transformação.

Assim, teve relevância fundamental neste processo o discurso oficial no qual a Igreja se dirige ao movimento e os discursos internos que se realizam nas práticas concretas: os retiros, os encontros de oração, os discursos midiáticos, os documentos internos e, de modo muito especial, as discursividades locais.

A trajetória do povo simples da cidade onde o grupo foi observado para este estudo não pode ser desligada do contexto global. Situava-se historicamente nos anos subsequentes ao Concílio Vaticano II, que eram por si só os *anos rebeldes* das décadas de 1960 e 1970. Anos estes que levavam a perguntar *o que está na moda?* Bombardeados por novidades das ciências que muitas vezes se confrontavam com suas convicções mais profundas, era preciso encontrar o caminho para se conectar a um mundo em

---

<sup>7</sup> FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população*: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 162-285.

<sup>8</sup> FOUCAULT, Michel. *Estratégia, poder-saber*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 60.

<sup>9</sup> TILLICH, Paul. *A coragem de ser*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 46.

<sup>10</sup> ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. *Narcisismo e sacrifício*: modo de subjetivação e religiosidade contemporânea. 2006. 307 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2006. p. 103.

transformação. Na caminhada de muitos caminhos, encontraram seu espaço na RCC. Juntos tiveram que travar batalhas para prosseguir: desde a falta de bibliografia católica e o pouco conhecimento da Bíblia, até as polêmicas e total recusa em alguns ambientes católicos. Por vezes, causavam estranheza e eram acusados de serem alienados ao processo histórico presente ou intimistas e barulhentos. Assim, lançaram mão de diversas estratégias que fizeram com que, para além de um movimento, se caracterizasse um processo que coloca em movimento a Igreja como um todo.

A RCC consolida-se como uma prática que, embora tenha adquirido alguns elementos do pentecostalismo, se identifica com valores católicos tradicionais, com um diálogo permanente com o clero, altamente estruturada e organizada e totalmente conectada com o tempo presente através da sua estratégia de *marketing* e propaganda. Tem-se, desta forma, um novo modo de existência, que já não é mais aquele dos *anos rebeldes*, mas também não pode ser identificado, senão por semelhança falaz, ao modelo das comunidades primitivas ou mesmo a qualquer modelo eclesial de outro tempo.

Está-se assim, diante de um *real possível* para a atualidade. Entretanto, este real possível se constrói sobre os alicerces estabelecidos por uma sociedade de controle, como bem demonstra o modelo midiático que, com criatividade, a RCC articulou em suas práticas e que atravessam toda a capilaridade eclesial, provocando uma recomposição constante, na velocidade do mundo virtual.

Este mundo virtual cria um jogo de visibilidades e invisibilidades para além das redes de informação, fazendo com que não mais existam muros que separem o lado de dentro das instituições. Num sistema de vigilância e monitorização, cria-se um olhar onipresente que tudo percebe e tudo espia – como nos *reality shows* – apenas imagens e padrões a serem copiados.

Assim, os meios de comunicação social conformam a subjetividade individual. Mas, para além destes meios, estabelece-se uma existência vinculada à visibilidade no qual há um controle aberto e contínuo numa sociedade autovigiada e onde facilmente as pessoas se investem de autoridade capaz de impor procedimentos de poder e saber, com uma conseqüente restrição de privacidade.

Desta forma, o modelo a ser seguido é a celebridade – que pode ser um pregador, um pastor, um padre – e o discurso assumido é afetado por um permanente nomadismo, acelerado pela lógica midiática, em busca da qualidade-total. Assim, a verdade é construída não mais como verdade secreta, verdade oculta, a partir do si, mas é construída de acordo com referências dominantes, que estão em constante mutação. Esta é, portanto, uma verdade que se elabora numa relação mimética.

Esta é a condição em que de um modo geral as sociedades de controle produzem verdades no tempo presente. Entretanto, há que se levar em conta o esforço que a RCC faz, especialmente em suas lideranças, de instituir práticas que apontam para a necessidade de

espiritualidade, de modo a articular a verdade individual à verdade da fé, como norma de conduta rumo à salvação.

Em vários momentos desta pesquisa evidenciou-se que a RCC parece buscar *pelo verdadeiro* do discurso teológico da instituição. Com isto, se legitima o poder pastoral do clero e o seu discurso. Entretanto, não se pode ver o fiel de hoje sob a mesma luz de outros tempos. Se o saber não está na intencionalidade do discurso, mas na relação de forças e suas combinações mutáveis,<sup>11</sup> o saber da instituição está em permanente enfrentamento com os demais saberes e será subjetivado na irreduzível dimensão que cada um dá à linguagem e à visibilidade.

É preciso levar em conta que a norma que dita os comportamentos e os enunciados não está apenas nos discursos e documentos oficiais, mas em todas as instâncias que interagem no cotidiano das pessoas. Contudo, o poder de afetar e ser afetado estabelece sucessivas metamorfoses. Por isso, é necessário ver nas variáveis e nas variações do saber e das relações de poder, as subjetividades em constante transformação. Não apenas subjetividades individuais, mas sociais. Assim, se verá que a própria RCC já não é mais a mesma do seu nascimento na década de 1960.

O modo pentecostal de ser – a alegria, a expressão corporal, o acesso direto ao sagrado, a sensação de cura e libertação imediata – é um dos principais motivos de adesão. Evidenciam-se normalmente as características festivas, o contato direto com o Sagrado e as curas e libertação. Mas encontram na prática católica as devoções e os sacramentos que não teriam em uma Igreja Pentecostal.

A alegria é quase uma constante nos depoimentos. Encontra-se a alegria diante da conversão, da cura, da libertação, da “oração em línguas”, da experiência da presença de Deus e etc. Mas, manifesta-se esta alegria através dos corpos que cantam e dançam nos animados Grupos de Oração. Se a alegria é a prova dos nove,<sup>12</sup> é o corpo que articula esta alegria.

As diversas práticas adquiridas do pentecostalismo possibilitaram uma nova experiência de si, distinta daquela que se vivia no catolicismo anterior à adesão. Isto fez com que alguns aspectos da participação comunitária também fossem assumidos de formas diferentes. Contudo, mesmo que em um primeiro momento a mera assimilação tenha causado tensões, houve um processo de acomodação destas novidades. Este processo foi conduzido ora pela hierarquia da Igreja – de quem a RCC nunca quis se apartar – ora pelos próprios fiéis que, mesmo sentindo a necessidade da tutela da hierarquia, ousavam experimentar um modo novo de viver sua religiosidade.

---

<sup>11</sup> DELEUZE, 1991, p. 116-120.

<sup>12</sup> ANDRADE, Oswald. Manifesto Antropofágico. *Revista Antropofagia*, São Paulo, v. 1, n. 1, maio 1928. Disponível em: <[http://www.klickescritores.com.br/pag\\_imortais/oswald\\_obr3.htm](http://www.klickescritores.com.br/pag_imortais/oswald_obr3.htm)>. Acesso em: 18 out. 2010.

Cabe aqui ressaltar uma impressão particular que se evidenciou no processo de investigação do grupo: existem três diferentes ângulos de visibilidade da mesma RCC: uma é aquela que se vê a partir de fora do movimento, outra é aquela da prática cotidiana da maioria dos seus membros e a outra, bem diferente, é aquela que a alta liderança da RCC prescreve. A impressão dos que estão de fora muitas vezes pode ser resumida pela interpretação de uma entrevistada que participa esporadicamente: “Muito pulo e pouca reza”.<sup>13</sup>

A prática cotidiana dos fiéis é de “deglutição”, de seleção do que interessa, mas algumas vezes, sem critérios de seleção e não necessariamente seguindo as normas da RCC. Isto também se dá em nível de alguns pregadores e mesmo de algumas coordenações paroquiais, onde frequentemente se vê a reencarnação de valores da religiosidade popular, questionada pelo próprio movimento e pelo clero. Um destes pontos se refere à possessão demoníaca, largamente expressa nas pregações, mas tratada com cautela pelas altas lideranças e por vezes diretamente condenada pelo clero.

O terceiro ângulo de visibilidade se refere às prescrições da RCC, enquanto movimento da Igreja. Aqui se percebe um grande encaminhamento da RCC em direção à doutrina da Igreja Católica. Seu material formativo busca abranger todos os aspectos considerados importantes pela hierarquia e são revisados pela assessoria indicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Assim se vê, nos materiais atuais, uma total harmonia entre os ensinamentos oficiais da Igreja e do movimento, incluindo Doutrina Social da Igreja. Pode parecer que a alta liderança esteja mais próxima do clero do que do povo e de suas práticas, mas é seu papel de mediador que pode possibilitar um modo criativo de existência para esta configuração religiosa. A RCC se funda sobre uma trilogia característica do Concílio Vaticano II, que é ao mesmo tempo a base da Teologia da Libertação: Renovação-Libertação-Salvação.

A renovação se dá a partir do carisma, do dom dado diretamente por Deus. Não mais como na Teologia da Libertação que pretendia ser *um novo modo de ser Igreja* a partir do pobre, a RCC busca uma renovação a partir da relação pessoal com Deus. É o corpo que se expande pelo carisma e pela experiência.

A RCC busca a libertação, não dos sistemas opressores, mas dos males do corpo, das contaminações das trevas. Libertação que faz dançar, cantar e louvar. Nesta forma, as sensações do corpo e a experiência pessoal da ação do Espírito Santo constituem a norma que pode condicionar a um intimismo, mas pode impulsionar à ação em favor da eclesialidade.

A salvação, para a RCC, se encontra não num reino intramundano, como pregava a Teologia da Libertação, mas na relação Deus e o próprio sujeito; não num plano

---

<sup>13</sup> ENTREVISTA I-5, mulher, leiga, 59 anos, participante esporádica.



horizontal, mas num plano vertical e único, que impulsiona à renúncia. Esta renúncia pode assumir a categoria de renúncia de si, tal qual compreendida no cristianismo, mas pode também se constituir em rejeição ao mundo: mundo das trevas, da contaminação, do diferente. Instala-se aí o risco de exclusão do diferente e pouco respeito pela alteridade. Contudo, a relação com o Sagrado deve sempre impulsionar na direção do outro, visto que a salvação individual implica a salvação da comunidade.

Se a Teologia da Libertação entendia a salvação a partir da libertação dos males sociais, a RCC busca pela salvação eterna, contudo, quer também a libertação dos males atuais, porém individuais. Constrói-se, assim, uma religiosidade vertical e direta, em que o fiel tem acesso a Deus por si mesmo e este Deus lhe garante a salvação eterna e o liberta nos encontros de cura e libertação. Mas, a proveniência católica reclama pelo pastor-mediador, por isso não pode abrir mão do poder pastoral, que lhe é, acima de tudo, benfazejo.

### **A verdade e seus efeitos na subjetividade do sujeito envolvido na RCC**

Pela análise cartográfica, vê-se que a verdade, nos fiéis da RCC, é construída a partir da satisfação dos problemas individuais. Através do corpo que experimenta as sensações de cura e libertação, de alegria e louvor, de repouso no Espírito e do falar a língua dos anjos, do canto e da dança, cria-se uma relação direta entre o próprio sujeito e Deus, que estabelece uma certeza da verdade. Contudo, os fiéis da RCC buscam a confirmação desta verdade na hierarquia da Igreja, de quem dependem pela própria constituição histórica e sentimento de pertença. Assim, é na junção entre o poder pastoral e a experiência pessoal que parece se assentar o critério último para o acesso à verdade.

Há que se ressaltar, entretanto, que numa sociedade autovigiada, de controle aberto e contínuo, a verdade é construída não mais como verdade secreta, verdade oculta, a partir do si, mas como sendo construída de acordo com referências dominantes, que estão em constante mutação.

Destarte, a renovação a que se propõe acontece a partir do carisma, do dom gratuito dado diretamente por Deus a uma pessoa individual. Este carisma se concretiza nas sensações do corpo que se expande e se relaciona diretamente com Deus, possibilitando a revelação direta, que dá ao indivíduo o poder de atuar sobre si e sobre os outros, pois detém desta forma um conhecimento/saber exclusivo. Este saber assumido como discurso verdadeiro circula e faz circular verdades, que entendido como ideal exige uma militância e urgência em ser difundido como conhecimento único e só ele parece ser capaz de levar à salvação. Assim, a conversão a este modo de existência, como território único, é assumida em radicalidade.

Este novo território se propõe à libertação, não dos sistemas opressores, mas dos males do corpo individual e das contaminações das trevas do mundo. Esta libertação é facultada àqueles que souberem se disponibilizar e confessar publicamente sua condição de doentes e/ou contaminados e professar o seu desejo de vitória sobre os males que o maligno lhes impõe. Este desejo de libertação por vezes requer que se dê ordens até às forças do alto. Uma vez libertos, tomam posse!

Munidos desta posse distinguem-se daqueles que não souberam ou não puderam se libertar. Por isso, aqueles que são menos abençoados devem ser convertidos ou combatidos. Desta forma, a diferença não é vista como complementaridade nem como possibilidade de diálogo, e o outro muitas vezes será simplesmente combatido e confundido com o próprio maligno. Assim, o sofrimento e até mesmo a doença, podem ser identificados como sinais de pecado e de não acolhimento de Deus.

De tal modo, a salvação que se almeja se alcança a partir da relação vertical e pessoal entre *o sujeito e Deus*. É a busca da salvação eterna, mas que necessariamente passa pela capacidade de se libertar dos males terrestres. Isto impulsiona à renúncia, não de si, mas do mundo – mundo das trevas, da contaminação e do diferente. Isto induz a uma urgência: a militância com o nome de missão.

Certo ou errado? É apenas mais um modo (entre outros) de viver a religiosidade dentro do contexto das subjetividades contemporâneas. Mas, as subjetividades contemporâneas estão sempre expostas ao real concreto: o desejo que instala mais um desejo – crise permanente –, o corpo constantemente exposto à contaminação clama por mais cura e libertação. Desta forma, até mesmo o ideal ascético pode deixar de ter a conotação do universo moral e religioso, para se apoiar nas normas de um padrão ideal que são o sucesso, a felicidade, o bem estar físico e emocional, com isto, não se distinguindo do próprio ideal capitalístico e da tendência ao hiperindividualismo.<sup>14</sup>

### Considerações finais

É possível perceber na RCC, fundada sobre a trilogia Renovação-Libertação-Salvação, uma potencialidade de viver um processo singular ao mesmo tempo em que assume estes valores dentro da perspectiva mesma da mensagem cristã tradicional. Para isto é preciso entender a renovação como transformação a partir dos grupos – que como comunidade exemplar constitui um verdadeiro *locus theologicus*<sup>15</sup> – tendo claro que a produção da vida é articulada no confronto de diferentes subjetividades, onde uma

---

<sup>14</sup> ESPERANDIO, 2006, p. 276.

<sup>15</sup> BOFF, Clodovis. *Teoria do método teológico*. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 162.

vontade se exerce sobre outra vontade, e não se pode homogeneizar grupos ou pessoas, mas reconhecer “diferenças entre grupos e nos grupos”.<sup>16</sup>

A libertação não pode supor uma perspectiva identitária da subjetividade, antes é preciso demarcar as diferenças e perceber as lutas e combates das diferentes vontades – relações de poder e saber – que subjazem nos discursos, nas teorias e nas práticas. Nenhum lugar é neutro, nenhuma teoria é isenta de vontade. Portanto, a libertação será em vista da ruptura com os modos opressores e condicionantes de subjetividades e em busca da real potencialidade da vida. Isto não se consegue a partir de um lugar privilegiado, ou de uma *outra verdade* a ser ditada, mas a partir do exercício de pensar, que fará frente às circunstâncias.

Uma renovação que pretenda ser de fato uma ação transformadora e capaz de conferir sentido necessita levar em conta a alteridade e perceber no ser humano a sua condição singular, única e insubstituível. Isto não permite as categorizações e a repetição de formas consolidadas, mas considera a pluralidade e a complexidade das forças produtoras de existência que opera um *possível* enquanto processo sempre em vias de se atualizar. Neste sentido, o movimento se dá em direção ao imprevisível, porque a vida não é previsível, mas é constituída nas experiências que geram sentido e que está vinculada à vontade de potência imanente a cada um. Esta potência se intensifica no diferencial das forças, que fazem emergir o novo como fruto das múltiplas oposições imbricadas nas relações cotidianas e historicamente situadas. Assim, a verdade que daí resulta é parcial, mutável e dependente das práticas locais, das existências e dos grupos singulares que a produzem.

Nisto se demarca que também as experiências salvíficas, bem como suas expressões, são diversas. Entretanto, estas expressões podem-se ver esvaziadas de sua pertinência salvífica por não mais mediatizarem salvação para as novas situações vividas pelos sujeitos da atualidade.<sup>17</sup> O grande desafio reside exatamente numa transmissão de fé que confira sentido à experiência de grupos em diferentes situações existenciais, sem, contudo, impor uma forma hegemônica de experienciar essa fé, que declare ser *o todo* a parte que se conseguiu apalpar através de uma experiência pessoal. Faz-se necessária a afirmação da diferença como possibilidade de concretização do mandamento duplo, de amar a Deus e ao próximo, traduzida em ações reais.

A caminhada da história da salvação não se encerra com a manifestação histórica de Jesus Cristo. Antes, a partir da capacidade de singularização por ele estabelecida, o povo cristão continuará sempre a estruturar o mundo de sentido da sua existência. Por

---

<sup>16</sup> ROCHA Marisa Lopes; AGUIAR Kátia Faria de. Pesquisa intervenção e a produção de novas análises. *Psicologia: ciência e profissão*, Brasília, v. 23, n. 4, p. 64-73, 2003. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v23n4/v23n4a10.pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2010. p. 69.

<sup>17</sup> MIRANDA, Mário de França. *O cristianismo em face das religiões*. São Paulo: Loyola, 1998. p. 81.

isto, cabe à teologia fomentar um esquema de pontuação que permita construir experiência de sentido para os indivíduos ou grupos na atualidade.

Ao pressupor que a realidade é uma construção histórica que se dá a partir das práticas concretas e das teorias intrínsecas ao próprio processo percebe-se que são as forças imanentes que afetam as subjetividades. Estas não se constituem apenas pelo sujeito, mas pelas relações que ele estabelece. Nesta perspectiva, afirma-se o valor das diferenças dos indivíduos e da coletividade e a necessidade de criar outras possibilidades de vida para além daquelas que tendem a homogeneizar. Pois, tudo o que homogeneiza, captura a heterogeneidade e a diferença que faz de cada indivíduo um ser único e singular em sua liberdade de criação.

Da mesma forma, a cartografia aponta para a necessidade de perceber as diferenças de uma cultura a outra e de um período histórico a outro. Isto possibilita dizer que mesmo a religiosidade não pode ser vivida pelo ser humano da contemporaneidade da mesma forma em que foi vivida em outras épocas. Isto implica em não ser a teologia mera repetição, mas necessidade premente de mediar sua mensagem para o sujeito da atualidade,<sup>18</sup> numa linguagem que faça sentido e que possibilite a construção de novos modos de existência que respeitem o caráter singular de cada pessoa e de cada comunidade.

Assim, respeitando a alteridade, far-se-á possível ver o rosto de Cristo no diferente, especialmente no diferente que sofre. E talvez o sofrimento do tempo presente esteja exatamente na captura que insiste em igualar a todos e a fazer viver segundo um padrão determinado por interesses que não sejam a vida plena.

Neste sentido é relevante a proposta de Guattari e Rolnik,<sup>19</sup> de se perceber num grupo religioso a possibilidade de ser *um vetor de revolução molecular*, que possibilite um processo de singularização, em que as subjetividades não se mantenham reféns de sistemas de modelização, mas que possam gerar modos de existência criativos e de acordo com as subjetividades singulares próprias do grupo. Isto possibilitaria viver a *vida como obra de arte*<sup>20</sup> e facultaria a justa articulação entre os *atos de verdade* e a *verdade da fé*, pois que, para o Cristianismo, é neste laço que se alcança a *purificação da alma*.<sup>21</sup>

Assim, para além da verdade que se constrói na contemporaneidade, pode-se entrever nas práticas da RCC, a possibilidade de outros modos de existência em que se

---

<sup>18</sup> TILLICH, Paul. *Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX*. 2. ed. São Paulo ASTE, 1999. p. 215.

<sup>19</sup> GUATTARI, Félix; ROLNIK, Sueli. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 43-64.

<sup>20</sup> DELEUZE, Gilles. *Conversações, 1972-1990*. 3. re. Rio de Janeiro: 34, 2000. p. 118.

<sup>21</sup> FOUCAULT, Michel. As técnicas de si. In: FOUCAULT, Michel. *Dicts et écrits*. Paris: Gallimard, 1994. p. 783-813. v. IV. Disponível em: <<http://vsites.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/tecnicas.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2010. p. 16.

busca uma vida em abundância onde a ação do Espírito Santo possa de fato transformar, renovar e atualizar a mensagem cristã.

*[Recebido em: fevereiro de 2013*

*Aceito em: abril de 2013]*